



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8770 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de crianças de 0 a 6 anos

A escuta atenta sobre o brincar e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores na infância.

Aline Patricia Campos Tolentino de Lima - USP-RP - Campus Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

Joana de Jesus de Andrade - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - USP

A ESCUTA ATENTA SOBRE O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES NA INFÂNCIA.

Todo o desenvolvimento que acontece na vida da criança passa pelas brincadeiras e pelas interações que inclusive são os eixos norteadores para Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). As crianças se desenvolvem pela interação social e o brincar que oportunizam a elas a convivência, a participação, o conhecer, o explorar e também a expressarem seus sentimentos e habilidades.

Ao brincar, a criança tem a possibilidade da escolha em suas ações. E apenas com a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) que se iniciou no Brasil uma reflexão sobre esse direito que deve ser garantido na infância. No ECA (BRASIL, Lei 8.069/90), em seu art. 16, um dos aspectos especificado é o que compreende o direito de liberdade da criança, que engloba o brincar, o praticar esportes e o se divertir, o brincar aparece associado ao lazer para criança, mas também como direito de liberdade de escolha.

Partindo desta premissa de que o brincar é um direito da criança porque promove o seu desenvolvimento pleno passamos a compreender e discutir a importância deste momento no desenvolvimento infantil.

De acordo com a psicologia histórico-cultural, o que diferencia o homem do animal é justamente a plasticidade cerebral, que é uma capacidade específica da espécie humana (PINO, 2005). Uma das características da plasticidade cerebral é a capacidade do cérebro se adaptar, de acordo com a cultura em que o indivíduo está inserido e ainda que em cada cultura o indivíduo se desenvolve de uma forma diferente (por exemplo: pelo idioma, pela escrita).

O cérebro do ser humano tem a possibilidade da plasticidade cerebral; então desde que nasce, o bebê está se apropriando dos instrumentos e signos da sua cultura. Tais instrumentos são utilizados no cotidiano da vida humana, que foram construídos ao longo da história como alguma função específica de utilidade. Já os signos representam as ideias, ficam no campo simbólico, são as representações do mundo, como por exemplo: a linguagem oral.

A psicologia histórico-cultural aborda um estudo amplo sobre a apropriação das funções psíquicas superiores desde os processos naturais que as integram no desenvolvimento infantil. Sendo separadas apenas para estudos, entre funções psíquicas elementares que estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento biológico e, as funções psíquicas superiores que só se desenvolvem na mediação com sua cultura, sendo que os “processos psíquicos superiores são mais complexos e compostos, e incluem maior quantidade de elementos e agrupações de elementos que os inferiores” (VIGOTSKI, 1995, p.98). Em sua obra, Vigotski (1995) faz uma separação entre as funções psicológicas, apenas para estudo teórico, pois no desenvolvimento elas estão interligadas e integradas.

As funções psíquicas elementares são funções instintivas, estão relacionadas ao biológico, como: atenção involuntária e memória-instintiva. Já as funções psíquicas superiores são funções adquiridas, envolvem o processo de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento como: linguagem oral, linguagem pelo desenho, linguagem escrita e cálculo.

Para compreender melhor o momento do brincar de faz de conta, como ele acontece e contribui para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é preciso analisar como a imaginação se constitui na fase da infância.

A imaginação, que é a base criadora de toda atividade humana, só é possível devido ao fato de o cérebro humano não ser apenas um órgão que conserva o que foi apreendido e o reproduz, mas que tem a capacidade de também combinar e reelaborar através da criação, porque a imaginação surge devido às experiências vivenciadas anteriormente.

A criança como ser capaz, na fase de infância, quer agir com o seu próprio “eu”, quer dirigir o carro do pai, fazer comida como a mãe; no entanto, ainda não pode porque falta seu amadurecimento para se apropriar e dominar essas ações objetivas. Para satisfazer essa necessidade de agir com seu próprio “eu”; a criança, na atividade lúdica, no jogo de interpretações consegue satisfazer suas necessidades e vontades tendo autonomia para realizar as atividades que os adultos ao seu redor fazem (VIGOTSKI, 2009).

O papel dominante do brinquedo na fase da infância como uma atividade lúdica, que faz parte de um jogo, contribui significativamente para o desenvolvimento psíquico da criança. Quando Leontiev (2010) coloca a brincadeira como atividade principal não está dando ênfase ao tempo que a criança brinca, mas sim porque na atividade do brincar ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança, um caminho de transição para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento.

Referente aos aspectos metodológicos a pesquisa se desenvolverá a partir da fundamentação teórica na teoria histórico-cultural que tem como base a relação dialética, construída entre o diálogo entre todos os envolvidos nesse processo, resultando que pesquisador e pesquisado têm oportunidades para refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa (FREITAS, 2003).

A pesquisa de campo encontra-se em fase de andamento já tendo sido aprovada pelo comitê de ética pelo número de parecer 4.103.838, no entanto foi preciso suspender o início da pesquisa de campo por conta do isolamento social que aconteceu neste momento de

Pandemia pelo Covid-19.

Na pesquisa qualitativa deve ser considerado, a questão da importância da fidelidade aos sujeitos e pesquisador (MINAYO, 2012), sendo que toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, que também estão limitados ao que compreendem e interpretam.

Para o levantamento de dados, a pesquisa está prevista para acontecer em duas escolas, em ambas instituições a faixa etária que a pesquisa de campo investiga é de cinco a seis anos, no total a quantidade de crianças que serão convidadas para participar serão quarenta crianças. Sendo que na primeira instituição a turma é composta por quinze crianças e na segunda instituição são vinte e cinco crianças. Sobre os critérios de escolha das escolas foi analisado o projeto político pedagógico da escola, considerando como prioridade as escolas que tinham maior ênfase na participação da criança no cotidiano da rotina escolar e que tinha como eixo norteador das atividades desenvolvidas a brincadeira. A escolha pela faixa etária de cinco a seis anos, foi devido aos estudos realizados sobre o jogo de papéis acontecer com maior ênfase neste período da infância.

Serão realizadas rodas de conversas sobre as brincadeiras preferidas das crianças, as crianças serão convidadas a registrarem por fotografias as brincadeiras nos ambientes preferidos da instituição de Educação Infantil, também será realizado uma votação pelas crianças por meio de desenhos de suas brincadeiras preferidas e vivenciaremos a brincadeira escolhida coletivamente.

A roda funciona como um dispositivo democrático, um meio pelo qual as crianças e os adultos podem ir compreendendo as questões que geram no grupo, situações de mal-estar, de desconforto, de conflito, bem como é um espaço para emitir suas ideias, seus sentimentos e seus desejos, além do que lhes causa prazer. Desse modo, podem discutir formas de resolver questões (ANGELO, 2014).

Nesse estudo de cunho qualitativo, outro recurso metodológico que será utilizado é a observação participante para a realização dos trabalhos de campo, apresentando diferentes perspectivas (objetivas, subjetivas e interpretativas).

É preciso, antes de tudo, romper com o olhar adultocêntrico que foi construído historicamente e acabou silenciando a infância (SILVA, SOUZA E OLIVEIRA, 2018). É preciso que realmente se escutem as vozes das crianças pequenas que fazem parte do cotidiano da Educação Infantil.

A autora Demartini (2009) ressalta a importância que cada vez mais, em tempos atuais, pesquisadores e professores aprendam a ouvir as crianças e jovens. Cabe ao pesquisador ter esse olhar atento às diferentes formas de manifestação e especificidades da criança que demandam de suas histórias de vida e seu contexto.

Como resultados parciais deste estudo, podemos compreender pelos referenciais teóricos que foram discutidos neste artigo que esses processos de criação surgem na fase da infância, pelas brincadeiras de faz de conta; a criança se coloca no lugar do outro utilizando sua imaginação, interpreta papéis sociais, assim como objetos também são colocados em funções de outros objetos. Quando a criança brinca de imitar ela não está apenas reproduzindo uma experiência vivenciada, mas também reelaborando situações de forma criativa.

O jogo de papéis não é apenas um mundo de fantasia, existem regras que são reflexos

das relações reais que a criança vivencia, é a relação existente entre as pessoas e os objetos, pois entre a criança e seu papel está a realidade. No jogo de papéis a criança é capaz de assimilar e reconstituir em de forma simbólica as regras sociais de sua cultura (ELKONIN, 2009).

Concluimos que de acordo com a psicologia histórico-cultural e a discussão teórica apresentada neste estudo, a atividade lúdica é a principal atividade na infância porque a criança está desenvolvendo as suas funções psíquicas superiores no momento do brincar de faz de conta por meio da imaginação. Na atividade lúdica, a criança desenvolve sua capacidade imaginativa que, de acordo com Vigotski (2009), não é inata, mas resulta da cultura em que a criança está inserida e de suas experiências e vivências por isso é tão importante que o direito ao brincar seja garantido as crianças em qualquer ambiente em que esteja vivenciando sua infância.

REFERÊNCIAS

ANGELO, A. O espaço-tempo da fala na Educação Infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: ROCHA, E. A. C.; KRAMER, S. (orgs.) *Educação Infantil: enfoques em diálogos*. Campinas: Papirus, 2013. p. 53-65.

BRASIL. Constituição Federal. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e adolescente*. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 16 jul. 1990.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Base Nacional Curricular Comum*. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 11 de setembro de 2020.

DEMARTINI, Z. B. F. *Infância, pesquisa e relatos orais*. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (orgs.) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças*. Campinas: Autores Associados, 6.Ed., 2007. p. 19-50.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PINO, A. *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAS, M. T. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. FREITAS, M. T. (orgs.) In: *Ciências humanas e pesquisa*. São Paulo: Cortez editora. 2003. p. 26-38.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. IN: VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 6 ed. São Paulo: Ícone editora, 2010. p. 119-142.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Cienc. Saúde Coletiva*, v.17, n.3, p.621-625, 2012.

SILVA, P. R.; SOUZA, F. C.; OLIVEIRA, R. C. D. Os direitos das crianças pequenas: do silêncio ao grito. In: SANTOS, M. W.; TOMAZZETTI, C. M.; MELLO, S. A. (orgs.) *Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência*. São Carlos: EdUFSCar, 2018. p. 81-90.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

YYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.

Palavras-chave: Brincar. Desenvolvimento infantil. Funções psíquicas superiores.